



Revista da Universidade Vale do Rio Verde
ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362
Vol. 16 | n. 1 | Ano 2018

OSWALDO TRUZZI. ITALIANIDADE NO INTERIOR PAULISTA

OSWALDO TRUZZI. ITALIANITY IN THE INTERIOR OF THE STATE OF SÃO PAULO

Igor Cavalcante Doi
Universidade Estadual de Campinas
igorcavalcantedoi@gmail.com

Recebido em: 10/10/2017 - Aprovado em: 13/01/2018 - Disponibilizado em: 15/07/2018

Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950) é o novo livro de Oswaldo Truzzi, atualmente professor titular da Universidade Federal de São Carlos, e é resultado de vários projetos de pesquisa com os quais ele se envolveu nos últimos anos. Publicado em 2016 pela Editora Unesp, com 138 páginas em brochura de papel couché, e prefaciado por Angelo Trento, o volume traz uma capa bastante ilustrativa, dividida entre a figura de uma lavoura pintada com as cores da bandeira da Itália e o mapa do interior paulista no horizonte. A obra percorre esse mapa, no campo como na cidade, para tratar da imigração italiana entre os séculos XIX e XX, mas não se limita a narrar os fatos e eventos da colônia, nem tampouco tem como centro questões de políticas imigratórias ou a distribuição demográfica dos colonos. Sem ignorar essas e outras questões, essenciais ao seu estudo, o autor propõe um problema de pesquisa bastante interessante e necessário para a compreensão da história da imigração italiana. Trata-se de uma questão menos factual, embora não desligada dos fatos, e

menos material, sem contudo desligar-se do mundo vivido: falamos na identidade étnica desses imigrantes. A questão que se coloca desde o início é a de como se deu, no período pesquisado, a identificação de uma população imigrante com essa categoria abstrata e propriamente ficcional a que chamamos “italianos”.

Como o subtítulo sugere, a identidade italiana se dá em “percursos” e “descaminhos”. Há desde o início a compreensão acertada de que uma identidade coletiva não se dá de maneira homogênea e que o objeto estudado não constitui exceção à regra. A italianidade, com isso, é vivenciada na experiência social dos colonos e adquire nuances próprias nos diferentes pontos da sua extensão. Ela tem seus percursos, que a levam, em certos lugares e em certos momentos, a posições de importância, mas também tem seus descaminhos, seus recuos, as ameaças de seu enfraquecimento. O olhar atento de Oswaldo Truzzi capta, então, as cores da italianidade, nuançadas pelo ambiente social (rural ou urbano), pelas diferenças de classe (proletários ou comerciantes; lavradores ou pequenos

proprietários), pelas diferenças geracionais (imigrantes ou filhos de imigrados) e pelas condições políticas, sejam externas (o fascismo italiano), sejam internas (por exemplo, o Estado Novo).

A primeira tese que se apresenta é bastante curiosa. O autor argumenta que a identidade italiana dos imigrantes teria surgido como produto da própria imigração – ou seja, que os “italianos” passaram a ver-se como tal fora dos limites do território nacional. Isto porque a Itália como nação é de formação muito tardia. Com uma identidade nacional em negociação durante a primeira metade do século XIX, particularmente entre as classes letradas da península itálica, o país só adquiriu forma entre o final da década de 1850 e início de 1860. Como os primeiros imigrantes chegaram pouco tempo depois disso, e não eram parte daquela elite letrada para a qual a ideia de Itália era cada vez mais sólida, os laços com aquela comunidade abstrata eram praticamente inexistentes. No lugar disso, aqueles imigrantes se pensavam muito mais filiados às suas regiões de origem. Todavia, uma vez estabelecidos aqui, o convívio e o tratamento que receberam os teriam feito aperceber-se paulatinamente de sua condição nacional, como se esta lhes fosse revelada. Para isso, em primeiro lugar contribuiu o tratamento das autoridades brasileiras, que, independentemente da região de origem, classificava todos os emigrados peninsulares como “italianos”. Em seguida, um contorno étnico-racial também se estabelece, uma vez que os italianos eram os “substitutos” dos negros na lavoura e precisavam demarcar a sua diferença em relação a estes como uma estratégia para enfatizar também a sua condição de não escravos

e com isso tentar esquivar-se dos constantes abusos dos latifundiários. Ademais, os italianos eram mais benquistos por serem entendidos, em oposição aos negros, como melhores trabalhadores e, sobretudo, brancos, atendendo aos desejos eugenistas de branqueamento do final do século XIX. Tudo isso contribuiu para que cada vez mais o imigrante tivesse a possibilidade de entender-se como italiano.

Mas, como já vimos, os percursos e descaminhos da identidade italiana não se dão de maneira homogênea em toda a colônia. No meio rural as coisas foram particularmente difíceis, uma vez que o relativo isolamento dos colonos nas fazendas impedia a formação de organizações étnicas e políticas, de modo que a única forma de manutenção da identidade italiana estava nas relações de parentesco, na endogamia dessa população. Ainda assim, essa endogamia poderia adquirir contornos mais regionais do que propriamente nacionais. A progressiva diminuição do influxo desses imigrantes também contribuiu para o enfraquecimento dos laços com a terra natal. Para Truzzi, a diferenciação nos ofícios e, principalmente, a ascensão de alguns trabalhadores a proprietários de terras criou divisões internas que teriam dificultado ainda mais o sentimento de um pertencimento comum. Neste ponto, contudo, as evidências não são muito convincentes, pois assumir que tais diferenças são um obstáculo à imaginação de uma comunidade nos levaria a assumir a impossibilidade de praticamente qualquer identidade coletiva no mundo moderno. De qualquer modo, muitos foram os empecilhos para a formação de uma italianidade sólida no interior rural de São Paulo. As cidades apresentam, por sua vez, um outro cenário. Os italianos nos

centros urbanos do interior paulista se alastraram pelo comércio e por diversos ofícios. Ali, experimentaram uma maior mobilidade social e foram capazes de produzir uma pequena elite étnica, gerada seja por sua ascensão através do trabalho, pelos seus títulos acadêmicos ou mesmo por casamentos bem-arranjados. Nesse contexto de concentração urbana e mobilidade social, os imigrantes puderam envolver-se, em experiências associativas, com mais de cem associações presentes no estado já em 1905. O maior obstáculo para o sucesso dessas instituições teria sido o regionalismo que clivava a colônia, restringindo a abrangência do associativismo e, em alguns lugares, impedindo a consolidação de associações dedicadas à população de imigrantes italianos no geral. Disso também surgiam enfrentamentos, apelos pela unidade da colônia, discursos em favor de uma *italianità*, sobretudo na imprensa étnica italiana.

O ápice da identidade italiana nas cidades do interior paulista se deu, sem dúvida, com a consolidação do fascismo na Itália. Ao contrário dos regimes predecessores, o fascismo procurou fortalecer os vínculos dos emigrados com o país de origem, promovendo uma italianidade que se confundia com o próprio apoio ao regime, sobretudo entre as elites e as classes médias, que, conforme ascendiam socialmente, afastavam-se da cultura dialetal e abraçavam cada vez mais a identidade italiana e os ideais fascistas. Mesmo assim, a consolidação da italianidade através do fascismo não se realizou de maneira plena e nem tampouco homogênea, primeiro porque as classes subalternas não partilhavam senão um fascismo fraco e difuso, e em segundo lugar porque a adesão aos novos ideais se fez mais presente

entre os imigrantes de primeira geração, enquanto seus filhos, quando muito, eram mais ligados ao integralismo brasileiro que ao fascismo italiano, já que estavam muito mais integrados à vida local. Para Truzzi, ainda a proletarianização dos imigrantes italianos constituiu um empecilho, na medida em que as divisões de classe passaram a ter maior relevância para os trabalhadores das fábricas que as identidades étnicas ou nacionais.

A partir da década de 1930, muitas coisas vão contribuir para a dissolução do sentimento da italianidade entre os imigrantes, mesmo no ambiente urbano. As elites italianas, interessadas em sua projeção econômica e política no Brasil, se veem progressivamente ligadas a associações comerciais, enquanto o associativismo étnico passa a sofrer severas restrições com as políticas nacionalizadoras do Estado Novo, a partir de 1937. O mesmo regime extingue os partidos políticos e suprime as expressões fascistas em território nacional. Tudo contribuiu, segundo Truzzi, para que as questões de classe fossem tomando o espaço das questões étnicas entre os imigrantes e seus descendentes.

Após a ditadura de Vargas, novos espaços se abriram para os italianos e seus filhos se integrarem à política nacional. Contudo, uma vez que o Brasil havia recentemente estado em guerra com a Itália, a moeda da italianidade valia muito pouco em território brasileiro, de modo que era através das suas filiações comerciais e industriais que os italianos passaram a buscar seu prestígio no Brasil – e não mais através de sua posição na colônia. Para o autor, a segunda metade do século XX se inicia com a dissolução das últimas possibilidades de afirmação da *italianità*. Com isso Oswaldo Truzzi termina sua

obra, após ter investigado a identidade italiana no campo e na cidade, observando seu desenvolvimento e suas discontinuidades ao longo de um século, tendo como ápice a década de 1920 e declinando a partir de 1930. Esse livro se coloca como da maior importância para aqueles que procuram investigar não apenas aquilo que pode ser descrito em termos de distribuição demográfica ou de fatos e eventos envolvendo os imigrantes italianos, mas também questões mais abstratas, ao nível das representações coletivas de uma comunidade. Trata-se de um projeto historiográfico que mira essa questão cultural fundamental que é a das identidades, esse empreendimento classificatório que nos faz crer que somos parte de um grupo específico. Como lacuna a ser preenchida, fica principalmente o estudo das escolas e imprensa étnicas nos percursos da italianidade, às quais o autor pouco se refere e que possivelmente tiveram papel importante para a italianidade no interior paulista.

REFERÊNCIAS

TRUZZI, O. **Italianidade no interior paulista:** percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016.

Igor Cavalcante Doi

Mestrando pela Unicamp em Educação Física e Sociedade, com ênfase em História Cultural.
